

# “EU SOU UMA MISSÃO NESTA TERRA”

A missionariedade como elemento fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo

Ivanir Antonio Rampon\*

Lucas André Stein\*\*

**Resumo:** O presente artigo visa contribuir para a reflexão a respeito da missionariedade como elemento fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo. A crise civilizacional moderna colocou em xeque as bases em que se sustenta a civilização ocidental. Ela é uma crise profunda, que nasce na espiritualidade. Toda pessoa é espiritual. Espiritualidade é o conjunto de convicções que dão sentido à vida. Como cristãos, a nossa espiritualidade se funda na pessoa de Jesus Cristo, na sua relação íntima com o Pai, no seu ministério e no seu seguimento. A relação de Jesus com Deus está no seio da Trindade, que é, em si mesma, missão, pois abre-se à criação, auto doando-se para a realização plena desta. Tanto o Pai, quanto o Filho e o Espírito Santo realizam a sua obra e nos convidam a tomar parte dela. Para melhor assumi-la é preciso desenvolver a mística, a relação com o Mistério, que se revelou como amor missionário em Jesus Cristo. A missão faz parte do ser de Deus, da vida e obra de Jesus e da razão de ser da Igreja. O Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, reflete sobre alguns pontos da vivência da missão como espiritualidade, sendo uma das suas fontes. Elencamos três aspectos: o encontro com Jesus Cristo; a alegria do Evangelho; e a presença no meio do povo.

**Palavras-chave:** Missão. Espiritualidade. Papa Francisco. *Evangelii gaudium*.

\* Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1996), e, em Teologia pela Itepa Faculdades (2000), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2004), doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2011), com tese sobre “O caminho espiritual de Dom Helder Camara”. Coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Passo Fundo e Prof. da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas.

\*\* Diácono transitório da Diocese de Erechim. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades.

## Introdução

A missão cristã foi compreendida de várias formas ao longo dos séculos. Muitas vezes foi encarada somente como uma atividade *ad extra*, aos não-cristãos. Consistia em aumentar o número de membros da Igreja, salvando as suas almas. Com o passar do tempo e com o avanço da reflexão teológica, a missão passou a ter um lugar central na atividade da Igreja. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Ad Gentes*, a definiu como "essência da Igreja"<sup>1</sup>. Hoje, muito se fala de missão contextual, inculturação do Evangelho, "Igreja em saída", entre outros termos, que servem para indicar que a Igreja precisa redescobrir-se na missão continuamente, renovando-se, a fim de responder aos desafios de cada época.

Em meio a uma crise mundial no campo ético, econômico e político, vemos que a sua razão mais profunda é uma crise de espiritualidade. As pessoas, de modo geral, não buscam mais bases sólidas para fundamentar as suas vidas. Esta é uma grande oportunidade para os cristãos repensarem a missão e enfatizarem o seu caráter espiritual: todos somos chamados a cooperar na instauração do Reino de Deus, que é vida plena para todos.

Neste sentido, propomos alguns elementos para a reflexão da missão como parte fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo. De início apresentamos algumas ideias fundamentais de espiritualidade a fim de iluminar a questão. Depois voltamo-nos para o mistério do próprio Deus Trindade, que é missão em si mesmo, e na forma como cultivamos a nossa relação mística com Ele. Por fim, elencamos três elementos que consideramos básicos para a vivência da missão como espiritualidade: o encontro com Jesus; a alegria do Evangelho; a vida entre o povo.

---

1 Cfe. AG 2.

## 1 A espiritualidade como sentido da vida

Vivemos em uma época de crise de projetos, das chamadas grandes utopias da humanidade. Parece que não há mais um grande futuro para a humanidade: todos fomos “engolidos” pelo neoliberalismo, que parece ter conquistado o mundo com sua lógica produtivista e consumista. O modo como concebemos a vida igualmente foi influenciado. Cada vez mais parece vazia de sentido, pois está limitada aos ganhos no trabalho, às possibilidades de crescimento profissional e à realização no possuir coisas e pessoas. No fundo, passamos por uma grande crise de espiritualidade. Diante disto, a fé cristã se questiona: o que podemos fazer? Como não deixar morrer a memória de Jesus Cristo e o seu sonho, que é a realização do Reino de Deus? Tentemos encontrar algumas luzes para este dilema.

### 1.1 O que é espiritualidade?

Nós, seres humanos, somos seres corporais e espirituais, formados de “matéria e espírito”, se afirmava em outras épocas, levando ao problema do dualismo, em que se identificava o corpo com o material, passageiro e sem valor verdadeiro, e a alma como o imaterial, eterno e mais valioso. Esta antropologia está sendo superada para dar espaço à uma compreensão mais orgânica e integrada do ser humano. Corporal e espiritual não estão separados, mas intrinsecamente unidos, completando-se um ao outro. Logo, a espiritualidade não pode ser compreendida fora da experiência corporal da vida humana. Todo o nosso ser humano está vinculado a ela. A espiritualidade (do latim *spiritus*), diz respeito ao mais profundo do nosso ser, àquilo que nos faz ser o que somos, não na constituição física, mas no plano existencial. Diz o Pe. Luís Mosconi:

[...] espiritualidade vai além de rezas, devoções, celebrações e Missas. É um estilo de vida e esse estilo eu o vivo no cotidiano. Espiritualidade se vive: no ônibus, na estrada, em casa, na rua, no trabalho, no sindicato, nas lutas populares, nas relações sociais, na escola, na prefeitura, no falar, no ver, no julgar, no agir, em tudo.<sup>2</sup>

A espiritualidade, portanto, diz respeito à vida concreta de cada pessoa e ao modo como se relaciona com as outras pessoas e os demais seres. É o que dá sentido ao nosso modo de ser. Assim afirmava Dom Franco Masserdotti, um místico-missionário do nosso tempo: "Hoje, entende-se por 'espiritualidade' o estilo fundamental e a orientação dinâmica com os quais se enfrenta a vida, envolvendo-se na história em relação com Deus, as pessoas e a sociedade. É mundo das atitudes e opções mais consistentes"<sup>3</sup>.

Todo ser humano, mesmo que não se identifique com uma religião específica ou não creia em nenhum deus, possui espiritualidade, pois procura ideias e meios para dar sentido àquilo que faz. Nós, cristãos, possuímos uma espiritualidade específica e bem situada no tempo e na história e precisamos fortalecê-la continuamente.

## 1.2 A espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo

Vimos que a espiritualidade é o conjunto de convicções que orientam a vida de uma pessoa, seja crente ou não, não se identificando, necessariamente com rezas e devoções. Mas então, como seria uma "espiritualidade cristã"? Ao longo dos séculos se desenvolveram inúmeras formas de concebê-la. Em consonância com o tema da missão, preferimos abordar a chamada "espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo",

2 Luís MOSCONI, *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*, p.97.

3 Franco MASSERDOTTI, *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*, p.19.

também chamada “espiritualidade do Reino de Deus” e “espiritualidade da libertação”. Para conhecemo-la melhor, temos que nos reportar àquele que é a razão do cristianismo: o próprio Jesus de Nazaré. Jesus era um ser humano integral e é o Filho eterno do Pai, segunda Pessoa da Santíssima Trindade, vindo ao mundo para salvar a humanidade, redimindo-a do pecado e realizando a sua plena comunhão com Deus. Ele se encarnou verdadeiramente, ou seja, assumiu toda a condição humana. Logo, também possuía espiritualidade. Os textos bíblicos não falam explicitamente em “espiritualidade”, mas em “vida segundo o Espírito”. Afirma o Pe. Mosconi:

Nesse sentido, Jesus tinha muita espiritualidade: deixou-se conduzir pelo Espírito do Pai, no cotidiano da vida e nos momentos das grandes decisões (cf. Lc 3,21; 4,1.14). Na hora da despedida, comunicou o seu Espírito aos discípulos: “Recebam o Espírito Santo...” (Jo 20,22). As primeiras comunidades mais autênticas eram aquelas que se deixavam conduzir pelo Espírito de Jesus (cf. At 4,31; 13,2), até o ponto de dizer: “Decidimos, o Espírito Santo e nós...” (At 15,28)<sup>4</sup>.

Jesus é o modelo primordial do ser cristão, por isso “espiritualidade cristã é viver o dia a dia conforme o Evangelho de Jesus. É ter os mesmos sentimentos e posturas de Jesus, como o apóstolo Paulo lembrava à comunidade de Filipos”<sup>5</sup>. Jesus não pautou a sua vida em sua realização individual, mas tudo reportou ao seu Pai, com quem vivia em profunda união. Ele viveu plenamente as relações fundamentais, que são a base da espiritualidade de todos os seres humanos, como indica o Pe. Ivanir A. Rampon:

4 Luís MOSCONI, *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*, p.6.

5 *Ibidem*, p.96.

Cabe-lhe cultivar três tipos de relações: de adoração para com Deus, de zelo administrativo-criador para com a natureza, de fraternidade e sororidade para com os homens e as mulheres. Quando tais relações são pervertidas, ocorre então a idolatria, a exploração, a opressão. Jesus de Nazaré viveu a plenitude relacional para com Deus, com a natureza e com os irmãos<sup>6</sup>.

No centro de sua espiritualidade estava o Reino de Deus, do Deus que é o *Abbá* – o Paizinho querido –, que é o Deus da vida, da justiça, da solidariedade, desmascarando os ídolos que trazem a morte, muitas vezes travestidos de belos sentimentos religiosos. Por isso, a espiritualidade de Jesus não parte de cima para baixo, não é a espiritualidade do poder, do prazer e da riqueza. Ela parte dos pobres, dos últimos, daqueles que eram tidos como os impuros e malditos pelo sistema religioso, que legitimava a sua exclusão. São eles os preferidos de Deus, aqueles que possuem melhores condições de viver a espiritualidade do Reino de Deus. “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3), é o mesmo que dizer “felizes os que não pautam a sua vida pelas riquezas, mas se despojam de tudo para melhor servir a Deus e aos irmãos”.

## 2 Deus é missão

Depois de refletirmos alguns elementos do que é espiritualidade e de espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, nos deteremos a refletir o Mistério do próprio Deus, que se doa continuamente à sua criação, para compreendermos a origem da missão cristã e a sua ligação com a espiritualidade.

---

6 Ivanir Antonio RAMPON. *Ecologia e espiritualidade: para uma terra onde corre leite e mel* (Ex 3,8), p.16.

## 2.1 A missão nasce da Trindade

A fé cristã professa que Deus não é um ser solitário, que dá voltas em torno de si mesmo. Ele é a unidade indissolúvel de três Pessoas divinas, cada uma diferente da outra e intrinsecamente relacionadas entre si, de modo que são um só Deus. Este Deus não está parado, fora da criação. Ele a “abraça”, sustenta, cuida e guia. Dizem Bevans e Schroeder: “muito mais que algo emocionante e que vale nossa adoração e amor, Deus é um Movimento, um Abraço, um Fluxo – mais pessoal do que jamais poderíamos imaginar –, alguém que está sempre e em todo lugar presente na criação de Deus”<sup>7</sup>.

Deus não está fora do mundo, mas o abarca na sua infinitude, por isso se faz presente em cada ser, que o revela. Ele é unidade e relação e nós, seres humanos, fomos criados assim à sua imagem: também somos seres individuais e igualmente pessoais, relacionais. Por ser dinâmico e por “derramar-se” sobre a sua criação, podemos dizer que “Deus é missão”. “Não é que Deus *possui* uma Missão, mas ele *é* Missão. Isso é o que Deus é em sua mais profunda natureza: um amor difuso, criando livremente, redimindo, curando, desafiando essa criação”<sup>8</sup>. Como Deus é missão, também nós, seres humanos, somos missão, sendo feitos participantes da missão das três Pessoas divinas. Diz o decreto *Ad gentes*: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2).

O Pai é o princípio de toda a vida, da Trindade e da Criação. Pelo seu amor, gera eternamente o Filho, e, com e por Ele, “expira” o Espírito Santo, e nos chama a participar da sua obra criadora, redentora e santificadora, assumindo a missão de

7 Stephen B. BEVANS; Roger P. SCHROEDER, *Diálogo profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*, p.25.

8 *Ibidem*. p.27.

cuidar do Jardim com o qual nos presenteou e que nós, pelo pecado, estamos destruindo. Recebemos dele uma missão cuidadora, co-criadora.

Por isto a humanidade tem a grande vocação de colaborar com o Deus da vida. Uma colaboração contínua para que essa vida cresça no mundo. [...] A tarefa de fazer com que cresça a vida deve acontecer na solidariedade, partilha e justiça. O mundo é a grande casa, na qual todos os filhos e filhas de Deus Pai vivem felizes e se querem, em harmonia entre si e com a natureza<sup>9</sup>.

O Filho, que se fez carne na pessoa de Jesus de Nazaré, veio ao mundo justamente para nos libertar do pecado que gera o rompimento de relações com Deus, com o nosso semelhante, com a criação e conosco mesmos. Ele é o primeiro enviado do Pai e designa-se a si mesmo como o ungido para uma missão usando as palavras do profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18s). Jesus é aquele que cumpre a missão redentora, de resgatar-nos do pecado e de nos conduzir ao Reino de seu Pai. "Esse é o Reino de Deus, a grande paixão de Jesus, o sentido de sua missão na terra: 'Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância' (cf. Jo 10,1-18)"<sup>10</sup>. Seguir o Caminho de Jesus é pôr-se à serviço, com desprendimento total, inclusive da própria vida (cf. Lc 9,23-26), colocando-se do lado dos que sofrem as maiores consequências do pecado: os pobres e excluídos. É um caminho de cruz e de ressurreição.

Por fim, recordamos do Espírito Santo, presente na criação

9 Franco MASSERDOTTI, *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*, p.10.

10 *Ibidem*, p.13.

desde o início do mundo, levando-a à sua consumação. Ele foi explicitamente pelo Filho (cf. Lc 24,49; Jo 20,22) no dia de Pentecostes, afim de animar e sustentar a missão do anúncio do Reino de Deus por meio da Igreja nascente. “O Espírito é o protagonista de toda a missão eclesial” (RM 21). A missão do Espírito Santo e à qual Ele nos suscita é a da santificação de toda a humanidade, que consiste na sua contínua humanização. Ele nos conduz à superação de todas as escravidões, que impedem a vida em comunhão com Deus e com toda a criação. “Nós, que somos a Igreja e somos o novo povo de Deus a partir do batismo e da força do Espírito de Jesus ressuscitado, temos a grande vocação de limpar o lixo da história, a fim de que haja vida abundante para todos”<sup>11</sup>. Sem a abertura ao Espírito Santo, a evangelização é reduzida a um programa meramente humano, “[...] pode-se dizer igualmente, que ele é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã” (EN 75).

Portanto, afirmamos a dinamicidade missionária da própria Santíssima Trindade, que está constantemente vindo ao encontro da sua criação, auto doando-se a ela, a fim de que possa participar da vida divina, que é a consumação do Reino de Deus, centro da espiritualidade de Jesus. Para sustentar a sua espiritualidade, Jesus cultivava a sua relação de amor com o Pai. Para vivermos a espiritualidade do seguimento de Jesus, necessitamos cultivar continuamente a nossa relação com Deus Trindade, a nossa experiência de amor com aquele que é Amor, que é o Mistério mais profundo. Este cultivo se dá através da *mística*.

Mística refere-se ao modo como nos relacionamos com o Mistério. Para, nós cristãos, consiste na forma como cultivamos

---

11 *Ibidem*, p.13.

o nosso amor a Deus pelo seu Filho, Jesus Cristo. Esta relação de amor com Ele, alimenta a nossa espiritualidade, que, como a de Jesus, precisa ter como centro a vivência e o anúncio do Reino de Deus. A mística cristã, portanto, precisa ser uma mística missionária, ou seja, que nos faça viver a missão do próprio Deus Trindade. Como afirma o Pe. Paulo Suess: "Mística missionária é mística cristã. A missão não é uma tarefa entre outras, mas a essência da vida cristã. A mística é a energia vital dessa missão. Com essa energia, a missão assume a tarefa de transformar o mundo e revelar o Reino"<sup>12</sup>.

A mística missionária é a mística do movimento, não da estaticidade. É mística que se põe de joelho diante do Mistério para permanecer em pé diante da realidade e que se põe a caminho, na vivência e anúncio do Reino de Deus. A mística missionária é mística do caminho:

No cristianismo, o Caminho representa um paradigma fundamental. É caminho de libertação, salvação, redenção. Jesus de Nazaré apontou para esse caminho e se fez caminho. Para seus seguidores, esse caminho, que é caminho de libertação, é um processo intrinsecamente ligado à história. Por isso, os caminhos nunca são totalmente perfeitos ou imperfeitos. O caminho mais bonito é aquele que nos conduz a uma nova visão da realidade; é o caminho da conversão que transforma Saulo, após ter caído por terra, em Paulo (cf. At 9,1ss), que chama Zaqueu, o cobrador de impostos, para descer da árvore (cf. Lc 9,1ss), e Pedro, Tiago e João para descer do Tabor e novamente assumir o chão concreto do seguimento. A vida pública de Jesus de Nazaré foi uma vida "a caminho"<sup>13</sup>.

Jesus só pode ser encontrado e experienciado no caminho, pois Ele se fez Caminho. Este caminho é a missão a qual somos enviados como seus discípulos. Aquele que cultiva a sua relação

12 Paulo SUESS, *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino*, p.73.

13 *Ibidem*, p.75.

com Jesus não pode ficar parado, olhando somente para dentro da Igreja. Precisa assumir o modo de vida dele, a sua espiritualidade, fazendo-se missionário do Reino de Deus como Ele mesmo foi. Como viver esta espiritualidade hoje? É o que pretendemos apresentar a seguir.

### 3 A missão: fonte da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo...

A espiritualidade do seguimento de Jesus é espiritualidade missionária, que se faz no caminho, na escuta, na proximidade com as pessoas. No Papa Francisco, nós temos encontrados estes elementos bastante vivos e atuantes. Com seu chamado a uma “Igreja em saída”, desde o início do seu pontificado, Francisco reflete a reforma da Igreja não a começar pelas estruturas, mas sim pela espiritualidade, por aquilo que sustenta o nosso ser cristão e o ser Igreja.

“Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isto estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (EG 273), escreve Francisco na *Evangelii gaudium*. Deste escrito, tiramos vários elementos que corroboram para uma espiritualidade missionária, ou melhor, para encarar a missão como espiritualidade, tanto para o missionário quanto para o missionado.

#### ... a partir do encontro com ele...

O primeiro elemento de uma espiritualidade missionária é o encontro com Jesus missionário do Pai. Ele viveu completamente envolvido pelo Mistério Trinitário, referindo toda a sua obra ao Pai e movido pelo Espírito Santo. Deus-Missão foi a razão do existir de Jesus. Nós, cristãos temos como ponto de partida para a nossa missão a experiência trinitária no encontro com Jesus. O *Documento de Aparecida*, resgatado pelo

Papa Francisco, afirma: "O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cfe. Lc 6,40b), seguir sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas"<sup>14</sup>.

E Francisco escreve na *Evangelii gaudium*:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, se torná-la conhecida, que amor seria? [...] A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordarmos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta<sup>15</sup>.

É o amor à pessoa de Jesus que gera verdadeiros discípulos missionários, imbuídos do espírito de autodoação, a fim de torná-lo conhecido e amado em todas as partes do mundo, a fim de que o Reino de Deus seja vivido e transforme as pessoas, as sociedades, os povos e nações. O Evangelho é o relato do amor que se fez carne, que assumiu a condição humana e, na simplicidade da relação com Deus e com os irmãos, iniciou um processo de renovação da vida, a partir da graça de Deus. É este amor que serve de sustento para a espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, como relata o *Quarto Evangelho*: "Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,34s). O amor do cristão é missionário, não egoísta; comunicativo e não fechado em si mesmo. Ele

---

14 DAp 131.

15 EG 264.

fundamenta-se no ser de Jesus, como diz Francisco:

Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. [...] Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho *dá respostas às necessidades mais profundas* das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno<sup>16</sup>.

O encontro com o Jesus real, do Evangelho, do Caminho, dos sinais e dos momentos de intimidade com o Pai é o fundamento da espiritualidade missionária dos cristãos e da Igreja. Somente bem fundados nele, podemos viver e anunciar o Reino de Deus.

### **... com a alegria do evangelho...**

A temática da alegria perpassa o ministério do Papa Francisco. É a alegria que vem do Espírito Santo, não dos resultados numéricos da missão. No capítulo V da *Evangelii gaudium*, *Evangelizadores com espírito*, o Papa diz no primeiro parágrafo:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. [...] Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus<sup>17</sup>.

O Espírito de Pentecostes, o Espírito da Missão, deve transfigurar todo o ser do cristão e da Igreja, para que sejam

16 EG 265.

17 EG 259.

anunciadores mais fiéis, verdadeiras testemunhas da ressurreição e do advento do Reino de Deus. É ele que funda e move a Igreja, capacitando os missionários para o encontro com os mais diferentes povos. Ele suscita o diálogo e a leva a deixarem o medo para trás, lançando-se ao mundo, a começar por Jerusalém. É o Espírito da Alegria.

A alegria tem sempre uma dimensão de extravasamento, de comunicação: quem se alegra quer comunicar de algum modo o motivo profundo de sua felicidade para que também os outros possam se alegrar. [...] A alegria de que falamos aqui é alegria espiritual, que abraça psique e sentidos, mas vai além de ambos, pois atinge e expressa o mistério do homem<sup>18</sup>.

A alegria espiritual é comunicativa, abre-se aos demais, não se fecha sobre o próprio gozo. Quer tornar as outras pessoas também alegres, porque também descobriram o sentido profundo de suas vidas, através de uma espiritualidade missionária e libertadora, no seguimento de Jesus Cristo. Para suscitar tal alegria espiritual são necessárias propostas místicas autenticamente cristãs. Por isso, o Papa ressalta:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração<sup>19</sup>.

A alegria é elemento indispensável da missão entendida como espiritualidade. Ela nasce do encontro com Jesus e se fortalece na vida em comunidade, na vida partilhada e doada pela vida de todos, especialmente dos pobres, excluídos e descartados da sociedade.

18 Alfredo Sampaio COSTA, *Anunciar com alegria: aspectos espirituais da Evangelii gaudium*, p.151.

19 EG 262.

### ...no meio do povo.

Por fim elencamos este terceiro elemento. Não pode haver missão sem povo. Afirma o Papa Francisco: “A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo”<sup>20</sup>. O Povo de Deus confia nele e espera a sua libertação, anunciada e testemunhada por aqueles que foram transformados pelo encontro com o amor que vem do Pai por meio de Jesus Cristo, e que são alegres por serem discípulos missionários. Segundo Alfredo Sampaio Costa: “A alegria que Jesus sente é inseparável dessa vida nova que ele vai trazendo para os seus irmãos e irmãs e que vai se tornando uma parte integral nas suas vidas – à medida que vai curando, ensinando, perdando, encorajando, chamando, liderando, abençoando”<sup>21</sup>.

Jesus foi um homem do povo e nos quer desempenhando nossa missão junto ao povo. O Espírito Santo forma e anima o Povo da Nova Aliança a fim de que seja instrumento do Reino de Deus, povo de sacerdotes, profetas e reis. No contato com as pessoas do povo, percebemos nelas os traços do próprio Jesus: a simplicidade, o coração aberto, a humildade, a confiança no Pai. Também percebemos os traços que revelam a influência do pecado: o egoísmo, a autossuficiência, a arrogância, a adoração dos ídolos. O povo clama para ser evangelizado, por uma espiritualidade que dê sentido pleno a suas vidas, que as liberte das diversas escravidões que as mantém submissas. Esta evangelização começa pelos últimos membros do povo, aqueles que são chamados de “pobres”.

Francisco repreende: “Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros”<sup>22</sup>. E diz mais adiante:

20 EG 268.

21 Alfredo Sampaio COSTA, *Anunciar com alegria: aspectos espirituais da Evangelii gaudium*, p.154.

22 EG 270.

“Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros”<sup>23</sup>. Tocar os pobres em suas necessidades reais nos revela os caminhos a tomar na missão, pois foram os caminhos do próprio Jesus, que chamou a todos, a começar pelos pecadores. Muitas vezes temos a tentação de impor ao povo ao qual somos enviados em missão, as nossas ideias e desejos. Vemo-los com o olhar que parte da nossa realidade e não da realidade deles. Contra esta postura, declara Francisco:

Está claro que Jesus não nos quer como príncipes que olham desdenhosamente, mas como homens e mulheres do povo. Esta não é a opinião de um Papa, nem uma opção pessoal entre várias possíveis; são indicações da Palavra de Deus tão claras, diretas e contundentes, que não precisam de interpretações que as despojariam da sua força interpeladora. Vivamo-las *sine glossa*, sem comentários. Assim, experimentaremos a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo<sup>24</sup>.

Conhecer os pobres de perto, sentir as suas angústias e aflições, como Iahweh viu o sofrimento do povo escravo no Egito e ouviu os seus clamores (cf. Ex 3,7), é o primeiro passo para uma missão libertadora. A missão entendida como espiritualidade, no seguimento de Jesus Cristo, deve nos levar a isto, a romper as barreiras que impedem um contato mais pessoal com o povo, com os pobres. Ela precisa romper muros e preconceitos a fim de ver as pessoas como elas realmente são e não a partir de nossas cabeças já formadas. Devemos querer o bem do povo, clamando e trabalhando por justiça a favor dos mais pobres. Somente assim, seremos realmente missionários e não apenas propagandistas de doutrinas religiosas.

---

23 EG 272.

24 EG 271.

## Conclusão

Concluindo brevemente este artigo, gostaríamos de citar o Pe. Paulo Suess, que aponta critérios básicos para uma vivência da missão no cerne da experiência espiritual cristã:

Em todos os nossos empreendimentos missionários devemos-nos perguntar se cabem no presépio e na cruz de Cristo. Fomos visitados e redimidos nos lugares mais insignificantes do mundo. O seguimento de Jesus não nos promete prosperidade. Redenção e libertação não estão sob a pressão de ritos mágicos ou sacrificiais. Fomos redimidos na gratuidade da cruz. O Ressuscitado nos prometeu a paz, e não melhorias graduais, prosperidade e progresso. Cruz e ressurreição visam à reorganização das relações humanas na lógica do dom, do perdão, da gratuidade e da justiça. Ressurreição é sinônimo de justiça definitiva, o fim da opressão e da humilhação; é emancipação como igualdade e reconhecimento; vida sem fardos desnecessários, de cabeça erguida e rosto descoberto, revelado, face a face<sup>25</sup>.

Missão é assumir o ser de Jesus, sua espiritualidade, que tem como centro o Reino de Deus. É viver o amor radical, que convida ao encontro, à alegria, ao povo, sinais da grande festa que celebram os já redimidos junto de Deus e que nos juntaremos nós e toda a criação no final dos tempos, cantando o “cântico do Cordeiro” (cf. Ap 15,3-4).

## Referências bibliográficas

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Diálogo profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*. Trad. Joachim Andrade. São Paulo: Paulinas, 2016.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução “École Biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.

RAMPON, Ivanir Antonio. Ecologia e espiritualidade: para uma terra onde corre leite e mel (Ex 3,8). *Caminhando com o Itepa*, ano 21, n.72. março/2004. Passo Fundo: ITEPA, p.9-27.

25 Paulo SUESS, *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*, p.11-12.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2008.

COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. p.147-161.

MASSERDOTTI, Franco. *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*. São Paulo: Paulus, 1996.

MOSCONI, Luís. *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1996.

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Evangelii gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SUESS, Paulo. *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*. São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.